

APRAXIA DA FALA E ALFABETIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Luciane Vargas Amaral ¹
Rejane da Silveira Sevel ²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo o relato, análise e discussões sobre o processo de alfabetização de uma criança que teve o diagnóstico de apraxia da fala. Como o tema ainda não foi muito difundido, tomamos como modelo, grandes estudiosos da linguagem, da alfabetização, da apraxia da fala e do “método das boquinhas”, buscando ver todo o processo de aprendizagem e de desenvolvimento de uma criança com esse transtorno. A partir das informações obtidas, buscamos uma metodologia mais adequada para proporcionar à criança uma melhor aprendizagem, um método mais adequado para efetivar a sua alfabetização. Foi um processo longo, nesse caso específico, até que a alfabetização acontecesse.

Palavras-chave: Alfabetização, Apraxia da fala, Método das boquinhas.

Abstract: *This article aims to report, analyze and discuss the process of literacy of a child who was diagnosed with speech apraxia. As this issue has not been very widespread yet, we take as a model, great scholars of the language, literacy, speech apraxia and the “little mouth method”, seeking to see the entire process of learning and development of a child with this speech disorder. From the information obtained, we seek a more appropriate methodology to provide the child with better learning, a more appropriate method to carry out his/her literacy. It was a long process, in this specific case, until literacy has happened.*

Keywords: *Literacy, Speech Apraxia, Mouth Method.*

Introdução

A apraxia da fala é um transtorno de articulação onde se tem dificuldade em programar a musculatura e a sequência de movimentos para produzir sons e

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2023), Professora da rede Municipal de Dois Irmãos.

² Licenciada e Bacharel em História, Especialista em História do Brasil, Mestre em História do Brasil (PUCRS), Doutora em História Social (USP), Pós-Doutorado em História (UFV) e Especialista em Psicopedagogia Institucional (UFRGS) e Atendimento Educacional Especializado (Uergs). Professora Adjunta na área de Ciências Sociais e Educação na Uergs. Foi Coordenadora do curso de Pedagogia da Uergs, Unidade em São Francisco de Paula (2015-2018). Coordenadora do curso de Especialização Educação e Cultura (2022-2023)

palavras. Este trabalho tem a intenção de ajudar os atuais e futuros profissionais da educação, visto que esse tema é mais conhecido dentro da fonologia, porém ainda é muito ausente dentro das instituições de ensino, fazendo com que os profissionais fiquem perdidos com as situações que aparecem, muitas vezes confundindo esse transtorno com algum outro espectro ou dificuldade que já existem e são conhecidos por todos, como por exemplo o autismo. Percebemos que os alunos com apraxia da fala demoram mais para falar e por isso ficam mais isolados. Entretanto, diferente do autismo, eles não apresentam nenhum problema com sons, toque, contato visual, movimentos repetitivos ou até mesmo a necessidade de manter um padrão.

A alfabetização é uma etapa muito importante da vida de uma criança, pois a partir dessa experiência, ela vai ter uma maior conexão com o mundo. Esse processo de aprender a ler e a escrever é trabalhoso, pois não se trata apenas de juntar as letras, mas sim de dar sentido a elas.

Neste contexto, sabemos que existem crianças com necessidades educacionais especiais que precisam de um atendimento e um ensino apropriado, dado que esse processo de formação é custoso e demorado. Entre essas dificuldades, quero destacar a pesquisa que agora apresentamos sobre a apraxia da fala, que é um transtorno na comunicação/fala, onde ocorre uma incapacidade na programação dos movimentos musculares, que são essenciais para a produção e sequência dos fonemas.

O presente artigo tem por objetivo fazer observações e pesquisas sobre "Apraxia da fala", como podemos trabalhar com essa disfunção, no processo de alfabetização, como este transtorno acontece com uma criança de 8 anos, seu processo, as dificuldades encontradas, os atendimentos feitos por equipes multidisciplinares, o diagnóstico e os desafios ainda presentes. Desta forma, a pesquisa justifica-se, pois poderá auxiliar aos atuais e futuros profissionais da educação a compreenderem melhor essa dificuldade.

A investigação relata acontecimentos anteriores à descoberta do problema e o que foi realizado posteriormente. O objetivo desta pesquisa é relatar como ocorreu a alfabetização da criança, quais metodologias foram utilizadas, os resultados alcançados, compreender o histórico de vida desta criança, suas dificuldades de aprendizagem, a fim de ampliar os nossos conhecimentos sobre esse transtorno, abrindo as portas para novos conhecimentos. Essa experiência será fundamental para melhorar a formação de todos os envolvidos na educação.

Durante o trabalho serão relatadas as pesquisas realizadas com os autores especialistas tanto na educação, na linguagem, mas principalmente na apraxia da fala. Buscou-se apresentar teorias dos melhores e maiores especialistas da área da educação de cada assunto, como Vygotsky, que fala sobre a linguagem, seus símbolos e a mediação que ocorre entre o objeto e quem fala. O processo de alfabetização e suas especificidades foi apresentado pela especialista Emília Ferreiro, que descreveu detalhadamente o processo de ensino, e suas etapas. É importante destacar que para que haja melhora, é necessário tempo, trabalho e incentivo. Já a questão da apraxia da fala foi abordada através de estudos realizados pela Cartilha Apraxia da Fala na Infância, que faz parte da Associação Brasileira de Apraxia da Fala na Infância, onde há publicações de diversos profissionais sobre o assunto. E por fim o método das boquinhas, criado por uma Doutora em Medicina, que tem uma formação bem abrangente, pois além da área da Medicina também é fonoaudióloga e psicopedagoga, portanto especialista em aprendizagem. A profissional fala com total propriedade sobre o referido método, como ele funciona e porque foi criado.

A pesquisa em questão aconteceu a partir de um estudo de caso. Os dados foram obtidos através de observações, questionários e bibliografias específicas sobre o tema em questão. Relatou-se, no decorrer da pesquisa, toda a vida da criança, mesmo desde o período anterior à concepção. Partimos, primeiramente de uma entrevista com a mãe do menino, e em

seguida foi feita uma anamnese, buscando informações sobre o período da gravidez, do pré-natal, do parto, do desenvolvimento da criança, da sua vida escolar, do acompanhamento médico e de outros profissionais que deram atendimento ao menino. A princípio foi feito um trabalho conjunto com a(s) professoras da turma em que a criança estudava, partindo de uma queixa da docente, devido às dificuldades apresentadas pelo menino, durante o processo de alfabetização. Foram feitas intervenções e percebeu-se que o estudante necessitava de auxílio de outros profissionais qualificados e de um apoio multiprofissional. Depois de um relato minucioso, e da análise das especificidades do caso, pudemos perceber que a partir dos procedimentos da equipe multidisciplinar e do uso de algumas metodologias e tratamentos, facilitaram a aprendizagem do aluno com apraxia da fala.

Fundamentação Teórica

A linguagem, seja ela escrita, falada, desenhada ou expressada de qualquer outra forma é fundamental na vida de qualquer ser humano, já que é através dela que nos comunicamos, criamos relações, expomos nossas ideias, entre outras coisas. A linguagem em nossa vida se inicia logo quando nascemos, no primeiro choro, comunicando ao médico e aos nossos pais que estamos vivos. Mas ela não é apenas para comunicar algo, já que ela também exerce a função de nomearmos ou darmos significado a qualquer coisa que faz parte da nossa vida. Vygotsky, (1992, p.27) fala: “A linguagem humana, sistema simbólico fundamental na mediação entre sujeito e objeto de conhecimento, tem, [...] duas funções básicas: a de intercâmbio social e a de pensamento generalizante.”, observando e analisando esse parágrafo podemos dizer que tudo é linguagem e que o mundo é baseado nela, desde o que pensamos para falar, para fazer, nossas expressões faciais, o que desenhamos, o que nomeamos, seja bom ou não, tudo é, e tudo gira em torno de comunicação, da linguagem.

A linguagem é uma forma de comunicação fundamental, conforme vamos crescendo ela vai se modificando e criando forma, fazendo sentido para nós e para os demais. A linguagem, seja ela como meio de comunicação ou como maneira de pensar, vai seguindo diferentes direções e se tornando mais coerente e correta, pois vamos observando quem está à nossa volta, aprendemos a nomear, depois imitar, criando as primeiras frases e assim por diante, até termos uma fala autônoma. Como tudo depende de um processo, Piaget fala: “Al principio, el lenguaje es solamente un apoyo para la acción. Los chicos usan la palabra para reforzar lo que están haciendo.” (SERULNICOV, 2014, p.143)³, ou seja, nesse momento de desenvolvimento, todos nós de início nomeamos tudo o que era parecido da mesma maneira, ou seja, tudo que tem 4 patas e pelo é "AUAU", mesmo que faça sons diferentes, pois ainda estamos nos desenvolvendo, conhecendo e compreendendo o que faz parte da nossa vida e do nosso mundo.

A comunicação como já dito antes é algo que faz parte de todos os seres humanos, e que transita por diversas fases, primeiro o choro, depois os balbucios, e logo em seguida a fala. Com o decorrer do tempo e conforme vamos adquirindo a linguagem, desenvolvemos outras áreas que também servem como meio de comunicação como os desenhos, rabiscos, traços e por fim a escrita, que é crucial na nossa sociedade e vida.

“Os símbolos do sistema de escrita alfabético-ortográfico (as letras ou grafemas) representam o significante do signo linguístico (e não seu significado, como no sistema de escrita ideográfico): representam, de modo geral, nesse caso, os sons da língua. Isso vai fazer uma grande diferença no aprendizado e no ensino dessa tecnologia de escrita.” (SOARES; BATISTA, 2005, P.20.)

Conforme a citação acima, a escrita é baseada em signos linguísticos, que são baseados nos sons que emitimos quando falamos uma palavra. Cada

³ No início, a linguagem é apenas um suporte para a ação. Os meninos usam a palavra para reforçar o que estão fazendo.” (SERUNICOV, 2014, p.143)

palavra além de ter seu significado, tem sua representação fonológica, (ou seja, pelos sons), e símbolos gráficos, que juntos formam a escrita. Para uma criança poder aprender a escrever, ela precisa passar por todas as etapas que já falamos anteriormente, dando o significado. Entendemos que a escrita é uma junção de fonemas com grafemas, fazendo a junção dos dois.

Depois que a criança compreende que a escrita é um conjunto de sons, significados e símbolos gráficos, ela começa seus pequenos rabiscos, traços e logo inicia suas primeiras palavras. De princípio é normal que ela escreva errado, que seja às vezes até incompreensível, mas é muito importante que ela não pare, que vá desenvolvendo gosto pela escrita, e vá fazendo suas próprias descobertas. Além disso, o incentivo dado pelos professores e quem está a sua volta é essencial.

“Os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas, entendendo como tal as que não são o resultado de uma cópia (imediate ou posterior). Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para ser avaliado.” (FERREIRO, 2017, p. 16).

Como falamos na citação acima, no princípio as crianças não escrevem com perfeição, mas escrevem com espontaneidade, imaginação e criatividade, o que torna esse processo de alfabetização lindo, já que tudo é novo e mágico para elas. Esses textos que elas produzem com tanto entusiasmo, são como enigmas para nós, mas que valem a pena serem desvendados, avaliados, apreciados e claro corrigidos com o próprio aluno, fazendo com que ele perceba “sozinho” alguns erros de escrita, mas jamais menosprezando seu trabalho.

Dentre todos que fazem parte do processo de alfabetização não se encontram apenas crianças com todas as habilidades “perfeitas”, mas também existem crianças com atraso mental, com dificuldade em alguma área específica, com

autismo, síndromes ou com alguma outra necessidade, e para elas é necessário pensar em metodologias diferentes de ensino, que os ajudem a aprender. Uma dessas dificuldades é a Apraxia da Fala, que como diz Souza e Payão:

“A apraxia da fala é definida como um transtorno da articulação no qual há comprometimento da capacidade de programar voluntariamente a posição da musculatura dos órgãos fonoarticulatórios e a sequência dos movimentos musculares para a produção de fonemas e palavras.” (SOUZA; PAYÃO, 20198)

Esse transtorno, por mais raro que seja, ainda é presente dentro das escolas. Um estudo realizado na American Speech-Language-Hearing Association (ASHA), “estima que uma ou duas a cada mil crianças são diagnosticadas com esse distúrbio neurológico que acaba por afetar mais os meninos” (Pereira, 2020, pg.6), por isso é pouco conhecido, estudado e muitas vezes diagnosticado de forma errada, interferindo, assim, na maneira em que vai ser ensinado, observado e ajudado, pois quando não se tem o olhar correto para uma criança podemos acabar prejudicando-a tanto em sua vida pessoal, como no seu desenvolvimento educacional. Esse transtorno ou distúrbio, também demora para ser descoberto, já que nos primeiros anos de vida as crianças realmente apresentam dificuldades para falar, tanto que os adultos acham “bonitinho”, ela falar daquele jeito errado, porém devemos sempre estar atentos a todos os sinais apresentados pela criança durante seus primeiros anos de vida, mas principalmente depois que ela começa a frequentar espaços escolares, onde tem contato com outras crianças e automaticamente começa a falar mais.

Existem alguns sinais que podem ser observados, a Cartilha Apraxia da Fala na Infância, de 2020, aponta três principais sinais, como: falar palavras pela metade, cortando vogais ou consoantes, ou mudando o jeito que se fala a mesma palavra mais de uma vez, falar de uma forma mecânica ou acentuando palavras de forma inapropriada, como por exemplo “chutá”, e o outro é quando ela fala dando pausas entre uma sílaba e outra, falando bem lentamente.

Entretanto, ainda existem muitos outros sinais que podem variar de criança para criança, tal qual como em bebês muito quietos, com pouco som ou balbucio, bloqueio para repetir sons e expressões faciais, confusão ou complexidade para realizar movimentos simples com a boca, como por exemplo assoprar uma vela.

A apraxia da fala pode causar muito mais que dificuldade de comunicação ou escrita, segundo o site Associação Brasileira de Apraxia de Fala na Infância, ela pode trazer desafios para aprender andar de bicicleta, amarrar os calçados, praticar alguns esportes, manter o equilíbrio, entre outras situações que parecem ser muito simples, para quem não sofre com esse transtorno.

Em casos de Apraxia da fala, os professores devem procurar diversificar o método de ensino, buscando atividades e maneiras de estudo que foquem mais para o lado da fonética, ajudando a organizar sua fala, ajudando no seu progresso e favorecendo sua aprendizagem.

Existem muitos métodos que são usados para alfabetizar/letrar as crianças durante o primeiro e segundo ano do ensino fundamental, dentre eles os mais usados são os métodos de soletração, silábico, sintético, analítico, entre outros, que se baseiam muito nas cartilhas, cartas ABC, memorização, soletração, e muitas outras atividades parecidas. Para a criança/aluno que tem dificuldade em se alfabetizar ou apresenta apraxia da fala, como no caso estudado, um dos métodos mais utilizados é o método fonovisuoarticulatório ou também conhecido como método das boquinhas. Ele trabalha com o som, o movimento da boca, fonemas visuais, através de cartinhas que apresentam a foto da boca, o movimento que ela faz e quais letras fazem aquele movimento.

“É sabido que o ponto do ser humano na aquisição de conhecimentos reside na boca, inicialmente exercendo a função de respirar, seguida de se alimentar e paulatinamente na produção de sons - fonemas, que são transformados em fala, meio de comunicação inerente ao ser humano.” (JARDINI, 2018)

Compreendendo isso, é possível ver a importância deste método, que trabalha muito com a boca, os formatos, sons e outros pequenos detalhes que vão auxiliar e contribuir para que essas crianças com dificuldades consigam aprender a falar, a ler e a escrever. A partir do momento em que conhecemos e compreendemos as funções e movimentos da boca conseguimos ter uma melhor noção de como ajudar os alunos a progredir e aprender aquilo que é necessário, pois no caso da apraxia da fala, ela interfere tanto na fala, quanto na leitura e escrita. Desta forma, esse conhecimento adquirido no método das boquinhas é essencial para a alfabetização das crianças/alunos.

Esse método foi desenvolvido através da fonoaudiologia, junto com a pedagogia, com o intuito de ajudar na alfabetização de crianças que têm algum distúrbio, transtorno ou dificuldade na fala, leitura ou escrita. Esse método pode ser usado com crianças que têm ou não dificuldades, porém devemos ter cuidado, já que em algumas situações ele não é apropriado, visto que cada criança aprende de uma maneira diferente, e esse método requer bastante concentração e atenção.

“O Método das Boquinhas é uma Tecnologia Educacional de neuroalfabetização, um método fonovisuoarticulatório, [...], utiliza além de estratégias fônicas (fonema/som) e visuais (grafema/letra), as articulatórias (articulem as/boquinhas)” (JARDINI, 2018)

Sendo este, um método tão delicado, é importante que o educador que vai fazer uso deste material, conheça-o bem e tenha total domínio, pois tanto ele quanto seu aprendiz vão precisar trabalhar em conjunto e com muita concentração, sabendo que é necessário observar e compreender o movimento que a boca faz ao falar cada letra, podendo haver movimentos iguais para mais de uma letra/fonema.

Sabendo que a apraxia da fala é um tipo de transtorno/distúrbio, e que interfere diretamente na aquisição de conhecimentos dos alunos, principalmente na área da leitura e escrita, é primordial que a escola e os educandos forneçam uma educação adequada a esta criança, como podemos compreender, a partir da Lei 14.254, art. 3, de 2021:

“Educandos com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem que apresentam alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita, ou instabilidade de atenção, que repercutam na aprendizagem devem ter assegurado o acompanhamento específico direcionado à sua dificuldade, da forma mais precoce possível, pelos seus educadores no âmbito da escola na qual estão matriculados e podem contar com apoio e orientação da área da saúde, de assistência social e de outras políticas públicas existentes no território.”

Desta forma, caso algum estudante que tenha algum transtorno ou dificuldade que possa interferir na sua aquisição de saberes, não esteja recebendo o atendimento correto, ele e a família tem o direito de comunicar à direção da escola, exigindo um ensino apropriado. Desta maneira, deverá receber atendimento adequado, com equidade e com metodologias que facilitem a sua aprendizagem.

Metodologia

O trabalho em questão é uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório, com observações e questionários. Conta com o método bibliográfico, a partir de leitura, análise e observações. As observações aconteceram durante dois anos, acompanhando o aluno dentro e fora da escola, conhecendo a maneira como ele aprendia, como eram os atendimentos e sua vida diária, principalmente em relação a sua comunicação e aprendizado. Tudo que foi observado e conversado foi relatado. Em relação ao questionário foi realizado um para cada tipo de atendimento que ele recebeu, entendendo que em cada lugar ele recebeu um tipo de atendimento e aprendizado diferente. Um para os especialistas, como fonoaudióloga e psicopedagoga, um para os professores e outro para a gestão das escolas em que ele estudou. Os questionários foram enviados por e-mail, todos os profissionais estavam abertos a responder e contribuir para a pesquisa. A parte bibliográfica será focada na área da linguagem, alfabetização, na apraxia da fala e no método das boquinhas.

No questionário foram feitas perguntas gerais para todos os profissionais, entre elas está a formação, o que se sabe sobre a apraxia da fala e sobre alfabetização. E além disso para cada profissional foram feitas perguntas diretamente àquilo que o especialista/profissional trabalha, questionando relação aluno/escola, seja professor ou direção, aluno/paciente, como foram as etapas de desenvolvimento e descoberta de métodos e ações que deram certo, como era o relacionamento e o combinado com a escola, família e outros lugares.

Apresentação e análise de dados

O estudo em questão iniciou a três anos com uma criança de 8 anos de idade, mas que atualmente está com 11 anos. O desenvolvimento e processo de alfabetização dessa criança foi acompanhado de perto. Ela foi chamada de “Thanos”, pois é um personagem que a criança tem bastante afeto.

Ele nasceu no dia 09 de setembro de 2011, na cidade de Igrejinha, o parto foi tranquilo, e não teve nenhum problema após o seu nascimento. Ao nascer, ele pesou 3025 quilos e mediu 48 centímetros. A gravidez foi tranquila e desejada pela família. Durante a gravidez, a mãe passou por um assalto, mas não teve problemas significativos em relação a isso. Ele teve um desenvolvimento normal, com três meses firmou a cabeça, com sete ou oito meses sentou sem apoio, e caminhou com um ano. Com mais ou menos 9 meses ele desenvolveu asma e bronquite, mas sempre recebeu e realizou o tratamento de forma adequada. O aluno desde pequeno apresentou um certo atraso, apesar de começar os balbucios nos primeiros meses, ele ficou muito tempo só nisso, não conseguindo ampliar a fala. No início, a família achou que fosse preguiça, mas com 1 ano e meio já desconfiaram que ele tinha atraso, pois já deveria estar falando algumas palavras. Com 2 anos ele começou a usar o banheiro, e foi tranquila essa adaptação. Ele também começou a frequentar a Escola A, depois passou para a creche com crianças maiores, chamada Escola B, onde teve muitas dificuldades de comunicação, aceitação

e aprendizagem. Com dois anos e meio, notou-se que ele realmente tinha dificuldade, então a família buscou atendimento especializado na Escola C, por conta própria, e começou a incentivá-lo a falar e a realizar os exercícios passados pela médica fonoaudióloga. Com 3 anos, ele caiu um tombo grande na creche, onde bateu com a cabeça e não quis mais voltar, ele tinha medo até de passar na frente do local. As professoras disseram que ele apenas tinha tropeçado e caído, o que não fazia sentido já que o tombo gerou um hematoma subgaleal, relativo à membrana, muito grande na cabeça, além de arranhões e esfolados pelo rosto, cortes nas extremidades do rosto, como boca e queixo. Após esta ocorrência, ele parou de frequentar a creche e passou a ficar em casa com a avó materna. Já com 4 anos ele iniciou a pré-escola, na Escola D, e lá ele começou a falar palavras com sentido, parcialmente claras, mas já compreensíveis. Com 4 anos e meio ele começou a formar frases simples. Com cinco anos ele teve uma pausa na fonoaudióloga do Atendimento da Escola C, pois a médica responsável não sabia mais o que ele tinha ou como ajudá-lo. Do seu primeiro ano até os cinco ou seis anos, foi a fase dos maiores desenvolvimentos, principalmente na aquisição de independência em atividades diárias, como se vestir, se limpar, comer, entre outros, o que foi tranquilo e gradativo. A ida para creche e escola ajudou bastante nesse processo. Algumas coisas como se limpar sozinho foi difícil, e outras como amarrar o tênis, ainda continuam sendo bem difíceis, já outras como se vestir ou comer sozinho foi bem tranquilo. Tanto na pré-escola, como no início da alfabetização, ele apresentou grandes dificuldades na leitura, escrita e interpretação. Depois de uma pausa, ele começou a frequentar uma fonoaudióloga particular, que durou um 1 e meio, e lá fez alguns tratamentos por meio de repetição, movimentação, entre outros exercícios necessários. No meio do primeiro ano do ensino fundamental ele teve que trocar de escola, por causa do turno das aulas. Finalizou o primeiro ano na Escola E. Nessa escola a direção e a professora constataram que ele tinha dificuldades na comunicação e até para socializar, pois os colegas não o entendiam, por isso

a família foi chamada na escola. Foram feitas observações, aconselharam que eles procurassem um neurologista. A família ficou um pouco apavorada com a recomendação, pois por mais cientes que eles estavam sobre as dificuldades, a situação era mais delicada. Começaram os exames, foi realizado um eletroencefalograma, que foi levado para a médica recomendada pela escola. A médica disse que ele tinha Transtorno do Espectro do Autismo, mas a família não ficou convencida com o resultado, pois a criança não apresentava muitas características do espectro. A família resolveu procurar uma segunda opinião com uma neurologista de Porto Alegre, que pediu os seguintes exames: bera, audiometria, ressonância magnética do cérebro, eletrocardiograma, eletroencefalograma, exames de DNA, exames de sangue, teste de QI, wisc, e análise de terapeuta ocupacional de integração sensorial. Após todos esses exames, a neurologista diagnosticou o aluno com Epilepsia do Sono, e recomendou atendimento com terapeuta ocupacional de integração sensorial, psicopedagoga, fonoaudióloga, além de uso de Depakene 500mg e Ritalina. O uso do Depakene era duas vezes ao dia, depois de um tempo foi reduzido para uma vez. Com a evolução e a melhora da criança, foi reduzido novamente para 250 mg, até que depois de um ano e meio de tratamento o medicamento foi retirado por completo. A Epilepsia do Sono foi descoberta através do exame de eletroencefalograma, a apraxia da fala foi descoberta por meio dos exames de audição, eletros, avaliações por especialistas e o teste de wisc. Por meio do teste de wisc e de QI, foi descoberto que ele tem a memória limítrofe. Ele fez alguns atendimentos com a terapeuta ocupacional de integração sensorial, primeiro para ter uma avaliação do seu desenvolvimento, porém ele não continuou, em virtude da distância e do valor financeiro, já que este atendimento não tinha na cidade em que a família morava. Após todos esses exames e o diagnóstico, ele iniciou o tratamento com a psicopedagoga, que trabalhou com diversas técnicas, métodos e jogos, música, alfabeto móvel, baú do tesouro, alfabeto de MDF, jogos de raciocínio

lógico, jogos de memória, entre outros, até chegar no método das boquinhas, que é uma forma de alfabetização utilizando imagens, com letras e foto das bocas falando cada letra, como podemos ver, por exemplo, na imagem abaixo:

Imagem 1: Método das Boquinhas

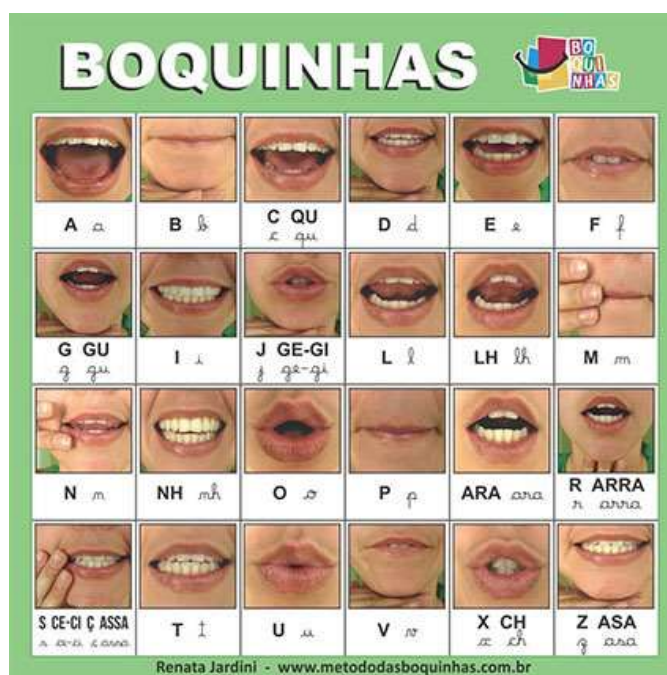


Foto: Renata Jardini. Disponível em: <https://www.metododasboquinhas.com.br>

Esse método ajuda muito, pois a criança consegue ver perfeitamente como deve ser falado o fonema de cada letra, conseguindo associar o som a letra certa. Depois disso ela utilizou o varal das boquinhas, apresentando e explicando letra por letra. Foi feito um processo detalhado do método, passando letra por letra, aprendendo os sons referentes a cada letra, ao decorrer dos encontros foi se formando as pequenas palavras, como AU, EI, OU, entre outras. No dia 13 de novembro de 2019, eles começaram a fazer as primeiras palavras com vogais e consoantes. Logo depois, no dia 27 de novembro do mesmo ano, além de formar as palavras com vogais e consoantes, eles também começaram a tentar lê-las, no decorrer dos dias. Os aprendizados foram sendo aumentados gradativamente, não deixando de lado os trabalhos com a memória, números e outros pontos importantes.

Desde o momento do pedido dos exames, foi um choque para a família, se tornando dolorido, mas ao mesmo tempo muito importante, pois só dessa forma se conseguiu realizar o tratamento adequado. Após o recebimento e confirmação dos resultados foi conversado com a criança, explicando o que ele tinha, tirando suas dúvidas, que ele precisava cumprir o tratamento, para melhorar logo. Ele entendeu bem tudo que estava acontecendo, reagiu bem às explicações e fez o tratamento com tranquilidade. No 2º ano ele retornou para a escola em que fez o pré I e pré II. Em nenhuma das escolas ele teve atividades adaptadas ou diferenciadas. O início de sua alfabetização na escola aconteceu de modo tradicional, assim como para os demais colegas. Quando voltou para a Escola D, a psicopedagoga buscou criar relação com a escola e a família, porém foi bem difícil e em alguns momentos impossível, pois a escola não compreendia a necessidade da alfabetização ou do uso dos métodos das boquinhas na alfabetização. Ele tinha algumas atividades adaptadas, mas não eram exatamente adequadas. Durante 2 meses ele frequentou o AEE (Atendimento Educacional Especializado). Depois de 1 ano e meio frequentando a primeira fonoaudióloga particular, ele fez uma troca para uma outra fonoaudióloga particular especializada em linguagem, com ênfase em distúrbio de aprendizagem, onde frequentou por mais 1 ano e meio, até que foi dito que não era mais necessário, pois agora não tinha mais nenhuma ação para fazer, era só treinamento. Já no 3º ano, ele continuou na mesma escola, porém como foi no ano em que aconteceu a pandemia, ele estudou em casa, onde foi alfabetizado. Como sua mãe é formada em Letras, e professora de língua portuguesa e literatura, e a professora da escola enviava as atividades para os alunos, ela foi ensinando e buscando realizar a alfabetização do aluno. A psicopedagoga, mesmo com a questão da pandemia, sempre enviou atividades, fez o acompanhamento a distância, e auxiliou a família para que eles pudessem realizar da melhor maneira as atividades enviadas. Foi um período intenso, porém com esforço, insistência e realização das atividades no fim do ano, ele estava no nível silábico-

alfabético. No 4º ano ele começou a estudar em Sapiroanga, na Escola F, e atualmente continua lá. Nesta escola ele conseguiu se desenvolver um pouco mais, se alfabetizando, porém ainda apresenta trocas simples na escrita de palavras. Ele faz as mesmas atividades que os demais, mas frequenta o reforço. Dentre as disciplinas que lhe são ensinadas, ele tem preferência por matemática e educação física, mas também apresenta grande apreço por ciências, história, geografia e outras. A disciplina que ele menos gosta é língua portuguesa, já que encontra grande dificuldade nessa área. Atualmente ele ainda faz acompanhamento com a psicopedagoga, reforço e acompanhamento de tempo em tempo com a neurologista.

Além do acompanhamento direto com o aluno, também realizou-se entrevistas com alguns médicos e professores que trabalharam com este aluno. Em um primeiro momento conversamos com a diretora da escola D, que é formada em Educação Física, e mestre em educação, ela não compreende muito do que se trata a apraxia da fala, mas sabe que é uma disfunção da fala. Sobre a questão da alfabetização, ela disse que compreende muito pouco, pois esta dificuldade, não está diretamente relacionada à sua área de formação, mas entende que a alfabetização acontece em um processo contínuo e que muitas vezes também acontecem “retrocessos”, tendo cada criança o seu próprio tempo, e que esse tempo deve ser respeitado. Ela disse também que sabe que quando a criança tem alguma dificuldade, devem ser ofertados recursos mais diversificados, levando em conta ainda, as coisas que as crianças gostam. Afirmou que a criança Thanos foi a primeira que conheceu com esse distúrbio, e que ela não tinha muito contato com ele, pois atuava na supervisão da escola. Ela não soube dizer como o processo da alfabetização aconteceu, pois no seu primeiro ano de alfabetização, não estava na escola e no segundo ano, sua carga de trabalho intercalava entre manhã e tarde, mantendo o contato distante. Como diretora, ela disse que a escola proporcionou materiais e atividades diferentes para o aluno. Sempre havia momentos de formação, onde as professoras discutiam

casos específicos, além de trocarem ideias e atividades. Segundo a diretora, as atividades planejadas eram adequadas para as dificuldades do aluno. As professoras preocupavam-se muito em proporcionar atividades bem diversificadas, buscando contextualizar os conteúdos com a realidade do aluno.

Posteriormente, a escola E (segunda escola frequentada pelo aluno) foi contatada. Um dos representantes da gestão respondeu, visto que as professoras, que trabalharam com ele, não se encontram mais lá. A entrevista foi realizada pela coordenadora da escola, ela tem formação no magistério, é graduada em História e possui Pós Graduação em Gestão. É coordenadora pedagógica há 17 anos. Segundo ela, a apraxia da fala surge em crianças que demoram para desenvolver a fala e sempre apresentam um comportamento introvertido. Sobre a alfabetização, ela comentou que esta acontece quando uma criança começa a desenvolver um sistema linguístico que favorece as habilidades de ler, escrever e interpretar. São realizadas intervenções pontuais voltadas às particularidades de cada caso, que objetivam e auxiliam na superação e adaptação de limitações e dificuldades, visando impulsionar o pleno desenvolvimento. Ela não trabalhou com outras crianças que têm esse transtorno, porém disse que na escola tem outras crianças com grandes limitações, e para auxiliar o menino com apraxia, se fez necessário intervenção com fonoaudiólogo, e atividades direcionadas ao processo de desenvolvimento do mesmo. Segundo a coordenadora, as atividades eram adaptadas e feitas com orientação para facilitar o processo de desenvolvimento da criança em questão. O planejamento também é acompanhado semanalmente, assim se pode auxiliar melhor todos os profissionais envolvidos.

Além das duas escolas, houve contato com uma das fonoaudiólogas que fez atendimentos com ele. Ela é especialista em Linguagem, se formou em fonologia em 2014, pela Universidade Luterana do Brasil, e se especializou em linguagem em 2020, pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia. Essa

especialização era uma pós-graduação em Linguagem Oral com Ênfase em Distúrbios de Aprendizagem. Ela também tem outras formações específicas que vêm ao encontro do que necessita para melhor atender seus pacientes, tais como: Certificação do Método dos Dedinhos, Manejo comportamental, Método das Boquinhas e Atuação fonoaudiológica em Neuropsicologia.

Ao perguntar o que ela sabia sobre apraxia da fala, ela destaca a fala de Hall, 2007:

“Apraxia de Fala na Infância é um distúrbio motor da fala, caracterizado pela dificuldade de programação e planejamento das sequências dos movimentos motores da fala, resultando em erros de produção dos sons.”

Segundo um relatório de 2007 da ASHA, a apraxia de fala na infância é um transtorno neurológico dos sons da fala, no qual a precisão e a consistência dos movimentos da fala estão afetadas, na ausência de déficits musculares. A dificuldade principal está no déficit de planejamento e/ou programação dos parâmetros espaço-temporais das sequências de movimentos, que resultam em erros na produção dos sons da fala e da prosódia. E o único tratamento baseado em evidências para apraxia de fala é terapia fonoaudiológica.

As dificuldades que a criança apresenta de planejamento, significam que ela sabe o que quer dizer mas tem dificuldade no processo entre o cérebro e a boca. Além disso, as alterações de prosódia afetam a qualidade da fala da criança, fazendo com que ela pareça “entrecortada”, monótona ou muito lenta. É muito comum que as dificuldades com a fala venham acompanhadas de questões sensoriais e dificuldade em manter a atenção por mais tempo em uma mesma atividade.

Também podem apresentar questões motoras, como as dificuldades para planejar, sequenciar e executar tarefas, a fala parece silabada, apresentam erros de acentuação na produção da fala (/Bola/ e diz /Bolá/).

Alguns sinais de alerta:

Não apresenta padrão nas trocas, há uma falta de sistematicidade;

Imitação deficiente;

Fala apenas sílaba tônica;

Quanto mais extensa a palavra, maior o número de erros;

Pobre repertório de vogais, erros nas vogais

Dificuldade na programação do gesto articulatório.

Outras habilidades linguísticas e cognitivas podem estar intactas;

Crianças com grande dificuldade de linguagem perdem o interesse pelo contato visual, e tem comportamento confuso, desorganizado;

Terapia de base fonológica não surte efeitos;

Sobre alfabetização, ela comentou que estudou o processo de aprendizagem da linguagem escrita desde o início da sua formação em fonoaudiologia, por isso segue estreitando os laços entre sua área e a educação.

Em sua visão, o processo de alfabetização está intimamente ligado com o desenvolvimento de linguagem, e dessa forma é necessário conhecer os preceitos e requisitos. Além disso, ela também atua diretamente com as equipes das escolas, pois é importante conhecer os processos e métodos usados para orientar da melhor maneira e de forma individualizada cada caso. Ela já trabalha com crianças com esses distúrbios motores de fala e apraxia há algum tempo. Ela buscou mais informações sobre essa alteração de fala em 2016, após perceber que algumas crianças apresentavam persistência nas alterações mesmo com intervenções com base fonológica. Ela também comentou, que juntamente com outra colega foram atrás de mais informações que esclarecessem as dúvidas que surgiram, e acabaram encontrando a apraxia da fala e cursos disponibilizados por eles. A partir disso, elas começaram a estudar sobre as alterações da fala e a apraxia. Ela também comentou que alguns casos que chegam até elas já têm o diagnóstico de AFI, já outros necessitam de um olhar mais especializado para fazer o diagnóstico diferencial, e assim garantir o acesso a um tratamento de qualidade.

Em relação ao trabalho com a criança Thanos, ela disse que não existe uma terapia certa para se realizar o tratamento da apraxia da fala na infância que sirva para todos, mas que existem algumas estratégias específicas e

importantes que devem estar presentes na terapia da fala baseada nos princípios da aprendizagem motora. Ela também explicou que pode ser difícil propor uma única abordagem terapêutica para a apraxia de fala na infância, devido a sua natureza complexa. É necessário usar recursos e estratégias de diferentes programas e abordagens. Ela comentou que costuma usar o Método dos Dedinhos, pistas sinestésicas e táteis, além de atividades lúdicas e contextualizadas, criando assim oportunidades para o desenvolvimento da atenção compartilhada e atribuição de sentidos aos comportamentos das crianças durante a interação.

Na questão relação profissional\paciente, ela falou que é fundamental que se construa vínculo, para que assim a empatia e a busca por atividades sejam de interesse do paciente, e garantam o engajamento e participação ativa, criando também um ambiente de aprendizagem seguro e positivo para a criança. Os ingredientes principais para a aprendizagem motora são confiança, atenção e motivação.

Para finalizar, ela diz que a profissional garante que o processo terapêutico deve abranger os demais contextos de vida do paciente, contribuindo para o processo de generalização dos conceitos aprendidos. Ela também comentou que os pais são parte fundamental nesse processo terapêutico. Neste sentido, o treino em casa é essencial para a aprendizagem e memorização do plano motor. O objetivo terapêutico é contribuir para maior autonomia e independência da criança, e por isso é importante ressaltar que a idade em que é diagnosticado e em que a intervenção voltada para as dificuldades individuais para cada criança começam, dará um melhor prognóstico. Não devemos esquecer que a escola é parte importante do tripé terapêutico. Deve ser orientada a ter papel ativo nesse processo.

A psicopedagoga que atendeu o aluno é formada em Pedagogia. Possui especializações nas áreas de psicopedagogia e neuropsicopedagogia, portanto é uma profissional qualificada na área da educação e da aprendizagem. Quando questionada sobre o que sabe sobre a apraxia da fala,

ela disse que é um distúrbio na produção de determinados sons da fala, de ordem neurológica. Em relação a alfabetização, ela diz que esse é um processo complexo, que ocorre a partir da estimulação e mediação, é escrever o que se fala e ler muito mais do que as palavras. É uma leitura do mundo. O paciente Thanos foi o primeiro que ela atendeu com esse diagnóstico. O transtorno foi descoberto através da fonoaudióloga que o atendia. Após a descoberta, ela disse que não foi difícil achar o método certo, e que após encontrá-lo ela começou usá-lo. O “método das boquinhas” é fonoarticulatório. Na questão médico paciente, a relação sempre foi ótima. Houve muito carinho, respeito e trabalho. O tratamento aconteceu além da clínica, pois as atividades também eram desenvolvidas em casa, pela família, as pistas visuais encaminhadas à família e a articulação do som gravada por vídeo para melhor absorção do mesmo, a partir do “treino”. O tratamento e atividades eram estendidas à escola, na medida do possível.

Considerações Finais

A Esta pesquisa teve por objetivo analisar como acontece o processo de ensino e alfabetização de uma criança com apraxia da fala. Procuramos entender, através dos teóricos especializados nesta disfunção o que é a linguagem, como a alfabetização aconteceu e o que é o transtorno da apraxia da fala, enfim, o processo complexo que envolveu o aluno, sua família e a equipe escolar, desde os primeiros sintomas, avaliação, intervenção, busca por metodologias de ensino que dessem resultados positivos na aprendizagem, tratamentos com médicos e outros profissionais, recursos pedagógicos, medicamentos, busca por um diagnóstico e tudo que envolveu esse percursos familiar e escolar. Entendemos que a apraxia da fala, não afeta apenas a fala, mas também outras partes do desenvolvimento da criança, como o seu aprendizado na escola, seu desenvolvimento social, suas habilidades em relação a tarefas como vestir-se, amarrar o tênis, entre outras atividades que envolvem a rotina da criança.

Compreendendo tudo que foi estudado, analisado e observado, conclui-se que a aprendizagem e a alfabetização acontecem desde muito antes de se chegar na escola, e que o processo de vida, as dificuldades encontradas e soluções procuradas influenciam diretamente na aprendizagem. Desta forma, os objetivos propostos no início da pesquisa foram alcançados, pois, conseguimos ter um bom acompanhamento de todo o processo de alfabetização desta criança, fazendo um relato minucioso de toda sua vida e como a construção da leitura e escrita aconteceu, além de saber quem esteve presente nesses processos e o que foi necessário para que se pudesse ter um desenvolvimento adequado. Dentro disso, vimos também que o aluno necessitou tanto do apoio da família como de apoio médico, e de uma equipe multidisciplinar e recursos, tais como: fonoaudiólogas, psicopedagoga, terapeuta ocupacional e uso de medicamentos, mostrando a complexidade do caso. Para que ele conseguisse aprender, foi necessário esforço conjunto da família, da escola e de vários profissionais capacitados. Como um dos objetivos era saber qual a metodologia usada para a alfabetização dessa criança, no decorrer do tempo e das conversas, foi visto que o melhor método para a alfabetização dele, e principalmente por ter a apraxia da fala foi o método das boquinhas, descoberto pela psicopedagoga, depois de várias outras tentativas. Essa metodologia foi sendo introduzida aos poucos, em um primeiro momento as letrinhas foram apresentadas, depois foi se trabalhando as vogais, letra por letra, em seguida, desenvolveu a escrita de pequenas palavras só com vogais. Com o decorrer do tempo, começaram a ser feitas palavras com vogais e consoantes, mas ainda em pequenas proporções, e assim gradativamente foi sendo aumentada a produção de palavras e frases foram iniciadas às tentativas de leitura, sempre acompanhadas de outras atividades, principalmente da memória, até que fosse efetivado o processo de alfabetização. Não podemos esquecer o apoio e o trabalho da família, sempre essencial neste processo.

Esta investigação foi fundamental, tanto para o meu conhecimento como futura pedagoga, mas também para todos os envolvidos na área da educação, já que não é um tema conhecido. O transtorno estudado, dificilmente é visto e conhecido nas escolas, o que é errado, já que as escolas recebem uma grande variedade de alunos, e alguns deles precisam receber um olhar mais atento. O ponto central neste estudo foi o experimento da metodologia das boquinhas que foi experienciado pela psicopedagoga e surtiu um efeito extraordinário na aprendizagem do aluno pesquisado. Essa abordagem foi importante, pois traz luz ao esforço de muitos profissionais e professores que possuem em suas salas de aula crianças com apraxia da fala. Foi constatado através de sondagem anterior a aplicação do método, o estágio de aprendizagem do aluno e posterior ao uso da metodologia, os avanços significativos que o aluno alcançou. Este estudo foi muito importante, pois divulga para os profissionais da área da saúde e da educação, um modelo de abordagem e tratamento médico e pedagógico sobre a apraxia da fala, que ainda é um transtorno desconhecido pelos profissionais.

Referências bibliográficas

ABRAPRAXIA - **Associação Brasileira de Apraxia da Fala na Infância. Curitiba**, 2016. Disponível em: <https://apraxiabrasil.org/abrapraxia/quem-somos/> Acessado dia 10 de mai de 2022.

BRASIL. **Lei Nº 14.254, de 30 de novembro de 2021**. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou transtorno de aprendizagem. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1329448287/lei-14254-21> Acessado dia 28 de jul. de 2022.

DE LA TAILLE, Y., OLIVEIRA, M.K., DANTAS, H.. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. P. 27. Acessado dia 20 de out. de 2019.

FERREIRO, E.. **Reflexões para a alfabetização**. 1º edição. São Paulo: Cortez, 2017. (Questões da nossa época, volume 6).P.16 Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=lang_pt&id=tXMzDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=alfabetiza%C3%A7%C3%A3o&ots=EK4XLBPGZi&sig=PpGbUv1L8YhLJZO34p75QIKb_1l#v=onepage&q=alfabetiza%C3%A7%C3%A3o&f=false. Acessado dia 23 de set. de 2019.

FOLHA DO NORTE PR. **Secretaria de Educação de Itambaracá capacita professores para o “Método das boquinhas”**. Paraná, PR, 2021. Disponível em:

<https://folhadonortepr.com.br/secretaria-de-educacao-de-itambaraca-capacita-professores-para-o-metodo-da-boquinha/> Acessado dia 08 de set. de 2022.

HALL, P.K.; JORDAN, L.S.; ROBIN, D.A. **Apraxia do desenvolvimento da fala: Teoria e prática clínica**. 2º edição Pro-ed, 2007. Acessado dia 28 de jul. de 2022. (Tradução nossa)

JARDINI, R.. **Método das boquinhas: uma neuroalfabetização**. Boquinhas, 2018. <https://metododasboquinhas.com.br/fundamentacao-teorica/> Acessado dia 29 de jul. de 2021.

PEREIRA, L.M.D.; ARAUJO, R.S.C. de. **Guia prático de conscientização da apraxia da fala na infância: entenda melhor esse universo**. 1º edição. João Pessoa: Editora IFPB, 2020, 38p.II. Disponível em: https://apraxiabrasil.org/site/wp-content/uploads/2020/06/CARTILHA-APRAXIA-DE-FALA-NA-INF%C3%82NCIA_ISBN.pdf Acessado dia 10 de mai. de 2022.

SERULNICOV, A.E. **Piaget para principiantes**. 1ª edição, 4ª reimpressão. Cidade autónoma de Buenos Aires: Era Nascente, 2014, p. 143. Acessado dia 26 de out. de 2019.

SOARES, M.B., BATISTA, A.A.G. **Alfabetização e Letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte, Ceale, FaE, UFMG, 2005. P. 20. Disponível em: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2001%20Alfabetiza%20cao_Letramento.pdf. Acessado dia 23 de set. de 2019.

SOUZA, T.N.U.; PAYÃO, L.M. da C.. **Apraxia da fala adquirida e desenvolvimental: semelhanças e diferenças**. SciELO - Brasil. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, Maceió, jun 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/Y4zVYLPhPVLgQT3RZgfJjCq/?lang=pt#:~:text=A%20apraxia%20da%20fala%20%C3%A9%20definida%20como%20um%20transtorno%20da,produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20fonemas%20e%20pa> lavras. Acessado dia 02 de out. de 2019.